

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SAINT HILL MANOR, EAST GRINSTEAD, SUSSEX
CARTA DE POLÍTICA DO HCO DE 6 DE JULHO DE 1970

REMIMEOGRAFAR

N.º 13 DA SÉRIE DE DADOS

IRRACIONALIDADE

Toda e qualquer irracionalidade está relacionada com desvios da cena ideal.

Portanto os pontos-fora indicam desvios.

Tem então de se concluir que a racionalidade está relacionada com uma cena ideal.

Estes três pressupostos devem ser estudados, observados e totalmente compreendidos.

São pressupostos muito audazes à primeira vista, pois, se forem verdadeiros, teremos então, não só a definição de sanidade numa organização ou indivíduo, como também de neurose e psicose. Também se vê que as organizações, grupos sociais, companhias ou qualquer actividade de terceira dinâmica (o impulso para a sobrevivência como grupo) podem ser neuróticos ou psicóticos.

Concluir-se-ia portanto que a tecnologia da cena ideal, cena existente, desvios, pontos-fora e estatísticas conteria ou indicaria os meios para estabelecer grupos ou indivíduos sãos, para medir a sua sanidade relativa ou para restabelecer neles a sanidade relativa.

O TORMENTO DO HOMEM

O Homem tem sido atormentado pela irracionalidade do comportamento individual e de grupo desde que o Homem é Homem.

A cena existente das actividades do Homem está tão imerso em desvios e pontos-fora que, à primeira inspecção, pareceria não existir manejo possível para a situação.

A maioria das pessoas aceitou as condições existentes como “inevitáveis” e passou à frente dizendo: “é a vida”.

Esta é, claro, uma atitude típica de quem está esmagado.

E é verdade que o desvio de qualquer ideal está de tal forma distante que obscurece qualquer sentimento de realidade acerca da possibilidade de concretizar uma cena ideal, mesmo numa área limitada.

Existem filosofias para “provar” que o caos é necessário para oferecer desafio. É o mesmo que dizer “Alegra-te por seres louco” (tal como os psicólogos do século XIX de facto diziam). Ou “O sofrimento refina a pessoa”, que os dramaturgos do princípio do século XX tão ingenuamente usavam nos seus enredos.

Uma ordem religiosa inteira pregou a necessidade de aceitar o Homem como ele é.

Portanto, o Homem está atormentado pelo derrotismo, tem-lhe faltado tecnologia e, civilização após civilização, tem sucumbido, quer numa explosão de fogo e guerra, quer na lenta erosão da angústia desgastante.

A maior parte dos homens, tal como foi dito, vivem vidas de um desespero calado.

Não temos que sobreviver a várias guerras para saber que o Homem e os seus líderes são algo menos que racionais.

Todos os conquistadores a fio de espada exploraram a aparente incapacidade do Homem de evitar a mortandade entre iguais, e nenhum conquistador ou exército parece ter notado que as guerras só raramente mudam fronteiras, por mais pessoas que tenham sido mortas. A Europa, durante séculos, distinguiu-se no desenvolvimento de jardins de mármore e notavelmente não conseguiu estabelecer absolutamente nenhum cenário político duradouro.

Em outros lugares, os líderes de governos, que deviam ter o dever, pelo menos parcial, de preservar os seus cidadãos, há já alguns séculos que se sentaram a ouvir extasiados os conselhos de loucos. Ultimamente os líderes dos Estados Unidos habituaram-se a agir sob a orientação de muitas comissões civis de saúde mental, cada uma das quais contém pelo menos um membro de uma organização directamente ligada à Rússia, o país mais interessado em fomentar a perturbação civil nos Estados Unidos! Uma vez um antigo chefe da CIA saiu-se com esta: "E se houvesse um agente da KGB russa dentro da CIA?" O estremecimento de horror que atravessou os políticos americanos foi interessante de se ver. No entanto, cada novo funcionário da CIA era "examinado", antes de ser contratado, por membros de duas organizações ligadas à Rússia! A Associação de Psicologia "Americana" e a Associação Psiquiátrica "Americana" são dirigidas pela Federação Mundial da Saúde Mental fundada por Brock Chisholm, companheiro de Alger Hiss e Whittaker Chambers, os famosos traidores comunistas dos Estados Unidos. E o governo dos Estados Unidos paga à Federação Mundial para realizar congressos a que assistem delegados do KGB Russo.

E toda a informação secreta dada ao presidente sobre o Vietname, onde os EUA estavam a "combater o comunismo", passava pelas mãos de um homem cujos pais são ambos comunistas nascidos na Rússia. E as informações secretas do Departamento de Defesa americano, no que respeita à mesma guerra, eram chefiados e "coordenados" por outro funcionário ligado aos comunistas.

Com tantos pontos-fora a aparecer no seu cenário de assistência social e dos serviços secretos, o governo dos EUA parece ser algo menos que inteligente quando pergunta: "Que tumultos?" "Porquê drogas?" "Porquê derrotas?"

As estatísticas da cena social e da assistência social dos EUA, sob o domínio da Federação Mundial da Saúde Mental, são gráficos que sobem na vertical em termos de insanidade, crime e tumultos. É tão mau que a Rússia nunca terá que travar uma guerra nuclear. A cena económica, política e social americana deteriorar-se-á e está a deteriorar-se tão rapidamente que os Estados Unidos terão perdido qualquer desejo de lutar ou qualquer poder económico e social para resistir à Rússia.

(Caso duvide da factualidade da informação acima, está tudo documentado).

Apresentei este cenário existente para podermos ver os pontos-fora. O estado deteriorado da segurança pública dos Estados Unidos é bem conhecido. As somas fantásticas gastas são bem conhecidas.

Dei os pontos-fora visíveis.

Uma vista de olhos às estatísticas da Psiquiatria e da Psicologia (as quais são todas negativas) indicariam a qualquer pessoa sã que elas devem estar a fazer outra

IRRACIONALIDADE

coisa qualquer, visto que receberam todo o dinheiro, poder político e autoridade necessários para manejar a cena. Mas as coisas pioraram! Assim, examinando a cena em busca de pontos-fora, descobrimo-los directamente ligados ao inimigo N.º 1 dos Estados Unidos. Os dados são impressionantes no que diz respeito a pontos-fora. Pagas para servir os EUA, a sua literatura discute principalmente a abolição de fronteiras e a Constituição.

O funcionário do governo americano, tão submerso na tagarelice e confusão de conversa fiada, informação secreta falsa e relatórios de situação falsos, não é aparentemente capaz de ver nenhuma solução. E enche os seus traidores de dinheiro e financia a sua ávida destruição do país.

No entanto os pontos-fora são tantos e tão visíveis que até o cidadão os vê, enquanto que o funcionário do governo permanece aparentemente insensível e inactivo.

Muito bem, o Homem pode afundar-se e realmente afunda-se na sua própria irracionalidade.

E as suas civilizações erguem-se e caem.

O tormento principal do Homem é a irracionalidade. Ele não caiu nas garras de um “desejo de morte”, nem está de amores com a destruição. Tem-lhe é simplesmente faltado um caminho de saída ou a tecnologia para o colocar nesse caminho.

RESOLVER A CENA

Tudo o que os Estados Unidos teriam que fazer era contar os pontos-fora, olhar para as estatísticas, abandonar a sua paixão com a Psiquiatria russa, conceber a cena ideal de uma América produtiva, recanalizar os dinheiros do fundo de desemprego para obras públicas decentes, para dar emprego às pessoas e melhorar a produtividade per capita, acabar com fundos para outros países e guerras, dar o dinheiro para aumentar o valor dos recursos americanos e, agora mesmo, os Estados Unidos endireitar-se-iam. A produção nacional interromperia a inflação destrutiva, o dinheiro recuperaria o seu valor e estaríamos mais perto de uma cena ideal nacional. Mesmo o círculo industrial militar estaria feliz a fazer bulldozers em vez de tanques, e a juventude teria um futuro à vista em vez de uma sepultura no estrangeiro. O mais engraçado disto é que, até o Congresso dos EUA votaria a favor de tal programa, já que a sua própria estatística actual é de quanto dinheiro federal conseguem levar para os seus próprios estados.

Os únicos que resistiriam são aqueles que estão a causar os pontos-fora acima mencionados e que, consciente ou inconscientemente, servem outros senhores além dos Estados Unidos. E afinal isso, ao fim ao cabo, é um simples problema de segurança.

Eu coloquei o exemplo numa perspectiva ampla apenas para mostrar que os passos para manejar os desvios são os mesmos para todas as situações, grandes ou enormes.

Quando feito desta forma, pelos passos mencionados na Série de Dados, as grandes situações, bem como as pequenas, podem também ser analisadas.

Os recursos disponíveis e tudo mais desempenham um papel quanto a pôr a solução em prática. Mas o custo, em tempo e acção, do esforço original para

IRRACIONALIDADE

introduzir o ciclo de reversão para uma cena ideal nem sequer se aproxima dos custos ao permitir que o desvio continue.

A coisa mais FÁCIL de fazer em todas as situações é determinar a cena ideal, inspeccionar a cena existente em busca de pontos-fora, determinar estatísticas que deveriam existir, descobrir o PORQUÊ do desvio, programar uma solução gradual para retornar à cena ideal, estabelecer os seus aspectos práticos e executá-los.

DESORIENTAÇÃO

Perde-se a direcção na medida em que não se consegue determinar a cena ideal.

É tão fácil apressar uma “cena ideal” que não é a cena ideal, que pode começar com uma falsa premissa.

Como a pessoa tenta trabalhar com uma “cena ideal” incorrecta para a actividade, ela pode fracassar e ficar cada vez mais desencorajada sem reconhecer que já está a trabalhar com um dado omitido — a verdadeira cena ideal para essa actividade.

Esta é uma razão importante pela qual nos podemos desorientar ao manejar uma situação.

Também ao tentar encontrar um PORQUÊ do desvio, a pessoa pode recusar-se a admitir que algo que ela mesma fez foi a razão do desvio, ou a razão por que a cena ideal nunca teve lugar. É preciso muito carácter para reconhecer os próprios erros; é muito mais fácil encontrá-los num vizinho. Desta forma pode-se escolher o PORQUÊ errado, por esta e por outras razões.

Não examinar a cena, a razoabilidade que causa cegueira ao óbvio, os erros de discernimento e as razões defensivas para não o admitir, tudo isto impede uma análise adequada.

A cena existente pode não estar à vista da pessoa porque ela realmente não olha para ela ou porque não tem qualquer cena ideal correcta para ela (cena existente).

Muitos preferem culpar ou justificar-se em vez de serem honestos. Outros preferem criticar em vez de trabalhar.

Mas tudo isto se resume a pontos-fora na própria inspecção.

Contudo, persistindo, chegar-se-á às respostas correctas no que diz respeito a qualquer cenário.

CONSTRUIR DA CENA IDEAL

Supor que se pode instantaneamente deparar com uma cena ideal para qualquer actividade sem um exame adicional, é estar muito apegado aos próprios preconceitos.

Existe no entanto um teste para saber se temos a cena ideal ou não.

Podemos fazer a sua estatística?

É estranho mas inevitável, visto vivermos no universo físico onde tanto há o tempo como a associação de seres com seres e com o universo físico, e do universo físico com ele próprio, que exista um factor de produção-consumo em toda a vivência.

Parece existir uma proporção entre produção e consumo, e estabelecê-la resolveria provavelmente esse estranho assunto, a economia, bem como a assistência social e outras coisas.

Parece fatal consumir sem produzir. Várias observações sociais nos ensinam isto.

É evidente que não se pode, ao nível do universo físico, produzir sem consumir.

E parece ser destrutivo produzir apenas e consumir de menos. Aparentemente pode produzir-se muito mais do que se consome, mas não se pode consumir muito mais do que se produz.

Isto parece aplicar-se aos grupos.

Alguns sonhadores que fumam haxixe por um cachimbo de irrealidade acreditam que se pode realmente ser feliz sem produzir nada e consumindo tudo. O ideal idílico de um paraíso onde ninguém produz foi tentado.

Ao entrevistar secretárias de Nova Iorque descobri que a maioria tinha a cena ideal pessoal de se “casarem com um milionário”. Além de não haver tantos milionários assim, o sonho de luxo ocioso para sempre estava tão longe de qualquer cena ideal possível que estava activamente a arruinar as suas vidas e a dar às suas actuais companhias masculinas uma vida de crítica infernal. Uma delas, tendo casado com um rapaz que ia a caminho de se tornar rapidamente milionário, estava tão insatisfeita por ele ainda não o ser, que arruinou as vidas dele e dela.

Em resumo, soa bem, mas tendo conhecido algumas que realmente casaram com milionários posso atestar que eles ou estavam sem produzir e a fracassar como seres, ou a trabalhar até à exaustão.

Estes sonhos de não produzir, tal como o tocar harpa no céu, levam no mínimo a um tédio suicida. No entanto, os anúncios da Madison Avenue (a indústria publicitária americana) levam a crer que todos nós devemos possuir todos os tipos de tecido, madeira e metal só para estarmos vivos.

Uma civilização inteira pode entrar em colapso, fracassar redondamente, com base em propaganda sobre não produzir e um consumo total. O suor que escorre do “paraíso de um trabalhador” rivalizaria com o Mississippi!

Existe um certo tipo de proporção equilibrada e favorece aparentemente, para bem do orgulho, da vida e da felicidade, maior produção do que consumo de algo.

Quando aquela fica demasiado desequilibrada em termos de valores, algo parece acontecer.

É estranho que a infelicidade e o tumulto na sociedade actual surjam ao mesmo tempo que a teoria económica Keynesiana de criar procura. É uma teoria tola e recentemente começou a ser abandonada. Mas permaneceu em voga quarenta anos ou mais, se bem me lembro. Produziu a “era do fundo de desemprego” do psiquiatra e a escravatura total do contribuinte!

Portanto, qualquer que seja a sua economia, a cena ideal tem aparentemente que ter uma estatística, ou tudo acaba por desabar, quer por falta de continuidade no tempo, quer por desinteresse, quer por simples falta de abastecimento.

Possivelmente a morte é, ou pode ser em parte, o cessar da produção interessada.

Estando nas lonas, um ser vivo sonha com algum tempo livre. Dêem-lhe demasiado, e ele começa a ansiar por acção e começará a produzir e, se for impedido de o fazer, terá tendência a entrar em colapso. A perda de trabalho deprime as pessoas de modo muito desproporcionado, e é aí que se encontra muitas vezes a origem do declínio subsequente.

As actividades destrutivas trazem consigo a sua própria autodestruição. A origem do mau estado dos veteranos depois das guerras nem sempre é encontrada em ferimentos ou privação. Os actos destrutivos marcam um homem.

Parte disto é explicado pela ausência de produção.

CENA IDEAL E ESTATÍSTICA

Quaisquer que sejam os factos e regras económicas sobre a produção e a cena ideal, parece acontecer, o que é suficiente pelo menos para os nossos propósitos, que se aplica esta regra:

A CENA IDEAL EXPRESSA CORRECTAMENTE TERÁ UMA ESTATÍSTICA DE PRODUÇÃO.

A maneira de definir "produção" aqui não necessariamente é a quantidade de coisas feitas numa linha de montagem. Essa é fácil.

Não é apenas pares de sapatos. A produção pode ser definida como o seu controle ou salvaguarda, o seu planeamento ou concepção, muitas, muitas, muitas coisas.

Uma estatística é uma coisa numérica positiva, e pode ser calculada de forma precisa e colocada em gráfico de duas dimensões.

Para testar a correcção de uma cena ideal deve ser-se capaz de lhe atribuir uma estatística correcta.

Se não se consegue conceber uma estatística para ela, então é provavelmente uma cena ideal incorrectamente expressa e sofrerá de desvios.

Estatísticas incorrectas atribuídas à cena ideal destruí-la-ão. Uma cena ideal mal concebida fará descarrilar a actividade rapidamente.

Para compreender algo é necessário ter um dado de magnitude comparável. Para compreender a lógica é preciso ser capaz de estabelecer o que é a falta de lógica.

Temos então duas coisas para comparar.

A cena ideal pode ser comparada com uma cena existente. Esta é uma forma de estabelecer a cena ideal. Mas ambas necessitam de um factor para as manter na realidade.

Para testar a correcção da cena ideal é preciso ser capaz de formular a sua estatística.

O exercício de testar a exposição da cena ideal, para a manter real e não fantasiosa e inatingível, consiste em conceber uma estatística para ela.

Podemos andar para a frente e para trás entre a estatística e a cena ideal exposta, ajustando uma e depois a outra, até que se obtém uma estatística alcançável que realmente meça a validade da cena ideal exposta.

IRRACIONALIDADE

Uma estatística é uma realidade firme, um ponto estável que deve medir qualquer desvio da cena ideal.

Ao estabelecer uma estatística têm que se adivinhar de antemão todas as tentativas possíveis para a falsificar (prever possíveis pontos-fora que possam ocorrer ao reuni-la) e ver se o facto de seguir a estatística desviaria alguém da cena ideal.

Por isso regressemos à sapataria.

Teste da expressão da cena ideal: fazer lucro.

Teste da estatística: pares de sapatos vendidos.

Agora se tentássemos encaixar essas duas, teríamos uma catástrofe imediata. O potencial desvio seria imediato.

Vendemos sapatos sem lucro para elevar a estatística, não fazemos lucro. Tentamos apenas fazer lucro, vendemos sapatos baratos a alto custo e os nossos clientes não voltam e não fazemos lucro.

Por isso nenhuma delas serve.

Ocorreria um desvio, e na verdade já existe tanto na cena ideal concebida, e na estatística.

Teste da cena ideal: os sapateiros têm direito aos sapatos que fazem.

Teste da Estatística: número de sapatos que os sapateiros fazem.

Isso é de loucos!

Teste da cena ideal: todos os cidadãos providos de sapatos.

Teste da estatística: número de sapatos dados.

Bem, isso é loucura para uma sapataria em qualquer estrutura económica.

Os cidadãos decerto não teriam sapatos assim que a sapataria estivesse vazia, pois se tudo é dado, quem criaria gado para as peles ou pregaria os pregos nas solas, a não ser que tivesse uma arma apontada, então que paraíso dos trabalhadores é este? Um estado de escravatura com certeza. Portanto, essa não é a cena ideal para uma sapataria, por mais "ideal" que pareça a uma "pessoa bem-intencionada". Demasiado "fantasista". Já que de qualquer forma não haveria sapatos para dar.

Teste da cena ideal: sapatos para qualquer trabalhador que tenha cupões.

Teste da estatística: número de cupões coligidos.

Bem, talvez. Numa sociedade qualquer. Mas a sapataria pode conseguir sapatos pelos cupões? Talvez, se existir suficiente polícia económica.

Mas então teria que ser uma sapataria com monopólio e a qualidade não seria um factor.

Por isso teria que ser um depósito de abastecimento do exército ou um monopólio do estado. Se não fosse necessário nenhum incentivo, funcionaria. Com certeza que seria mau para os calos, mas funcionaria minimamente. De forma bastante insegura, no entanto.

Mas esta é uma sapataria onde as pessoas compram.

IRRACIONALIDADE

Teste da cena ideal: prover os trabalhadores de bons sapatos que podem ser substituídos pelos fornecedores.

Teste da estatística:...??? Número de sapatos dos fornecedores entregues aos trabalhadores... Trabalhadores felizes...??? Quantidade de controle que pode ser exercido sobre os fornecedores...??? Ah. Número de sapatos fornecidos a trabalhadores bem-calçados.

Está bem, esse é um depósito de abastecimento do exército. Agora o que é uma sapataria?

E provavelmente obtemos o que obtivemos num exemplo anterior:

Cena ideal: prover as pessoas de sapatos e continuar no negócio durante toda a vida do proprietário.

Estatística: percentagem de cidadãos da área lucrativamente calçados por esta loja.

Mas mesmo com isto teria que se jogar para a frente e para trás. E se esta sapataria estivesse num estado socialista ambos poderiam requerer correcções. E se ela estivesse numa estância de Verão apinhada de turistas principalmente estrangeiros, a cena ideal e a estatística sofreriam um desvio imediato e a loja fracassaria; ficaria em maus lençóis financeiramente se a cena ideal não estivesse correctamente expressa e a estatística não fosse real. O tipo de turista influiria.

Talvez o estado tenha imposto exigências de controle da moeda aos donos das sapatarias e os obrigue a obter moeda estrangeira, ou então nada de stock novo!

Assim poderíamos ter:

Cena ideal: criar procura de calçado feito neste país, que seja uma novidade.

Estatística: pares de sapatos comprados por estrangeiros para oferta.

Isso mudaria com certeza toda a atmosfera da loja!

Portanto joga-se com a cena ideal e com a estatística.

Talvez não se possa encontrar qualquer cena ideal para a actividade nem estatísticas de alguma importância para ninguém. Pode ser que essa actividade seja totalmente inútil mesmo para a própria pessoa como passatempo. Embora isto abra a porta ao cinismo ou à forma preguiçosa de não fazer nada a respeito de nada, poderia simplesmente acontecer. Até um "jornalista" que não escreva nada pode ter uma cena ideal e uma estatística. Mas mesmo assim teria que ser de facto real.

Como:

Cena ideal: não ser detectado como espião e ao mesmo tempo ser aceite como "jornalista".

Estatística: dinheiro recebido por relatórios entregues ao meu governo sem serem detectados.

Para o caso de isso parecer irreal como cena, o pessoal da revista Time recentemente levou a cabo um protesto em massa contra o uso das credenciais da Time para espionagem governamental. "Ninguém vai falar mais connosco", lamentou-se o pessoal desse porta-voz da moribunda Federação Mundial de Saúde Mental.

Portanto, qualquer coisa pode ter uma cena ideal, até um estado policial.

O idealismo nada tem que ver com isso.

VIÁVEL

A palavra “viável” significa capaz de viver, capaz de viver num clima ou atmosfera particular.

A vida ao longo de um período de tempo requer VIABILIDADE, ou capacidade de sobreviver.

Qualquer organismo, grupo ou parte de um grupo tem que ter um potencial de sobrevivência. Tem que ser viável, capaz de suportar a vida.

Isto é válido para qualquer cena ideal. A estatística mede directamente o potencial relativo de sobrevivência do organismo ou parte dele.

Isto diz-nos o simples facto de que a vida contém o propósito essencial de viver, não importa quantos filósofos ou generais insensatos possam decretar algo diferente.

A população planetária agora não é totalmente viável, dado que existem armas capazes de transformar o planeta numa bola de bilhar ao capricho de algum louco.

A sobrevivência potencial do todo é, obviamente, uma influência e limitação das suas partes.

Os homens que vivem “apenas para si mesmos” não vivem.

Um organismo ou grupo pode viver uma vida perigosa por arriscar a sua sobrevivência.

Mas a sua própria ineficácia é uma ameaça maior do que os seus inimigos se ele não conhecer nem ajustar a sua cena ideal.

Uma companhia militar, cuja cena ideal é, segundo os cartazes, gabar-se no bar com uma rapariga em cada braço, e que depois constata o facto de a cena real ser o policiamento militar com bastões à porta de todos os bares, e uma vida bastante curta sob as ordens de um governo sadicamente desinteressado e inexperiente, depara-se com um desvio imediatamente visível.

O governo acreditava que tais cartazes eram necessários para obter recrutas, e não reparou que uma cena ideal apresentada com verdade e um esforço para promover a sobrevivência aos comandantes teria também obtido recrutas, e não seria necessário recorrer ao recrutamento como produto final de mentiras.

Os homens tornar-se-ão parte dos grupos mais onerosos e perigosos que se possa imaginar, desde que o propósito lá esteja expresso e eles tenham hipóteses de sobreviver.

A cena ideal de uma nação que venera a morte é a de uma nação que, de qualquer forma, não irá sobreviver. Pelo menos não essa nação como tal.

Um grupo ou organismo tem que ser viável. O seu estado é relativo ao tempo que o grupo precisa de viver para alcançar o seu propósito.

Cada parte de um grupo, em qualquer cena ideal, deve contribuir para a viabilidade de todo o grupo.

A produção de alguma coisa é obrigatória para qualquer parte de um grupo quando o grupo se quer totalmente viável.

A Pintura, a Escrita, a Música, todas têm papéis positivos na sociedade. Por isso, a produtividade, tal como a viabilidade, pode ser vista como um termo abrangente bastante amplo.

Os sub-propósitos de qualquer grupo compõem a sub-cena ideal das suas várias partes.

Por outras palavras, cada parte de um grupo extenso tem a sua própria cena ideal e a sua própria estatística.

Estas, quando combinadas, criam a cena ideal de todo o grupo.

Cada uma das estatísticas leva à viabilidade da parte e a seguir do grupo inteiro.

Em ordem inversa, com tantas partes de um planeta desejosas de extinguir tantas outras partes, a viabilidade do planeta torna-se questionável.

Numa organização, cada parte tem a sua própria cena ideal e a sua própria estatística, ascendendo até à cena ideal principal e à estatística principal.

Na prática, trabalhamos da cena ideal do grupo para a sua menor parte, de forma que todos os cenários ideais menores e as estatísticas menores se agreguem e criem a cena ideal e estatística principais.

Examinando as cenas ideais e estatísticas menores, primeiro podemos encontrar pontos-fora na maneira como o todo está organizado, e depois a cena ideal e estatística principais e a maneira como as partes mais pequenas as promovem.

A viabilidade do todo é dominante. Quando qualquer das partes não contribui para a viabilidade total é um ponto-fora. A viabilidade de cada parte é contributiva, e o esquema segundo o qual os cenários ideais e as estatísticas menores originam a GRANDE cena ideal e a GRANDE estatística, é coesivo. Se isto não ocorrer, a cena ideal menor ou a estatística menor não contributiva é um ponto-fora.

Quanto aos grupos que vacilam, tudo isto tem que ser estudado de novo. Já que realmente ocorreram desvios, a própria organização, como parte de qualquer acção, tem que ser reexaminada face à experiência, e têm que se conceber e pôr em prática novos cenários ideais e estatísticas maiores e menores para ela.

O acordo do grupo é um ingrediente necessário, como muitos reformadores aprenderam, frequentemente demasiado tarde, e como muitos grupos já viram, também geralmente demasiado tarde.

O truque é corrigir a cena ideal e a estatística e todos os cenários ideais e estatísticas mais pequenas do grupo enquanto este ainda está vivo.

Depois disso pode-se ter mais confiança nelas e manter as estatísticas a subir e o propósito a progredir.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR